

"Solução ética para a dívida"

GAZETA MERCANTIL

por Dirceu Brisola

de Córdoba

9 ABR 1987

A questão da dívida externa dos países em desenvolvimento deve encontrar uma solução ética, que preserve o bem maior, que é o progresso harmônico da humanidade. Essa é a posição da Igreja, reafirmada pelo Santo Padre nesta mesma viagem à Argentina", disse a este jornal, com exclusividade, no saguão do hotel Dorá, em Córdoba, a 700 quilômetros de Buenos Aires, na noite de terça-feira, o cardeal Agostino Casaroli, secretário de Estado da Santa Sé.

A posição referida pelo cardeal Casaroli está substanciada em um documento da Pontifícia Comissão "Justitia et Pax" — organismo da Sé Apostólica, criado experimentalmente pelo papa Paulo VI em 1967 e por ele mesmo instituído de forma permanente em 1976 para cuidar dos problemas relativos à justiça e à paz, sob o aspecto doutrinário, pastoral e apostólico — e foi mencionada por João Paulo II na noite da última segunda-feira, quando este foi recebido pelo corpo diplomático acreditado em Buenos Aires.

Na ocasião o papa abordou o problema do subdesenvolvimento econômico ou cultural como "grave ameaça para a paz" e, nesse contexto, julgou "necessário um ajuizamento ético do endividamento internacional, que ponha em relevo as responsabilidades de todas as partes e a profunda interdependência mundial do progresso da humanidade".

Segundo o cardeal Casaroli, não cabe à Igreja sugerir os meios ou mecanismos capazes de proporcionar solução ética da questão do endividamento, mas ele espera que esta possa ser alcançada "pelos responsáveis de todas as partes envolvidas".

Na sua condição de secretário de Estado, sucessor moderno do "secretário papae"

"Solução ética para a ..."

por Dirceu Brisola
de Córdoba
(Continuação da 1ª página)

e de prefeito do "Conselho para os Negócios Públicos da Igreja", Casaroli nada pode acrescentar ao que diz o papa quanto a específicos temas internacionais.

Além de segundo homem da hierarquia vaticana, ele é o chefe da sua complexa diplomacia e, por natureza, um homem extremamente discreto. A longa convivência com delicados assuntos diplomáticos o acostumou a esse prudente comportamento. Antes de ascender à Secretaria de Estado, no início de 1979, poucos meses depois da eleição do próprio Wojtyla, Casaroli já era uma figura de reconhecida importância na definição da estratégia diplomática da Santa Sé.

No início dos anos 60, ainda sob o pontificado de João XXIII, coube a ele, como membro do alto "staff" da Secretaria de Estado, ser o primeiro prelado da Cúria a visitar em Budapeste o cardeal Mindszenty, voluntariamente recusado na Embaixada dos Estados Unidos desde a derrota do levante húngaro de 1956. Antes de Casaroli, apenas o cardeal Franziskus Konig, como arcebispo de Viena, havia obtido semelhante autorização.

Depois dessa façanha, o nome de Casaroli esteve intimamente ligado a toda a política de aproximação do Vaticano com os governos do Leste europeu, levada a efeito sob o papado de Paulo VI. Na opinião de grande parte dos mais experientes observadores da Cúria romana, ele teria sido, de fato, o verdadeiro formulador da estratégia que levou o papa a receber em Roma o ministro soviético Andrei Gromyko e o presidente Podgorny, a assim chama-

Papa condena o divórcio

Em missa presenciada ontem por cerca de 400 mil pessoas na cidade industrial de Córdoba, o papa João Paulo II exortou os católicos argentinos a tomar uma decidida posição contra o projeto de divórcio em debate no Parlamento, advertindo que sua eventual aprovação poderá conduzir o país a um declínio moral.

"Destinamos o dia de hoje a orações por todas as famílias, renovando conscientemente as promessas matrimoniais ante Deus e a Igreja", disse o papa. "Oremos pelas famílias divididas, para que voltem à mútua concórdia."

"Não é estranho que a aceitação do

divórcio por uma sociedade venha a ser acompanhada de uma diminuição da moralidade pública em todos os setores.

Quem não se decide a amar para sempre, dificilmente poderá amar verdadeiramente um só dia", acrescentou.

A Câmara dos Deputados aprovou no ano passado, por 177 votos a 35, um projeto que autoriza novo casamento aos casais separados. A matéria foi encaminhada ao Senado, onde será submetida ainda neste mês a votação, muito provavelmente logo depois de domingo, quando o pontífice encerrará sua visita à Argentina.

da "ostpolitik" do papa Montini.

Ainda no movimentado saguão do hotel Dorá, entre idas e vindas à sala reservada para o jantar da comitiva papal, o cardeal Casaroli concordou em dar outras declarações a este jornal. Notou, por exemplo, que existe grande diferença entre a atual peregrinação de João Paulo II à Argentina e sua primeira viagem a esse país em 1982. "Aquele foi uma viagem de emergência", lembrou Casaroli. "Eu mesmo não pude vir, porque estava nos Estados Unidos."

"Na verdade, a única razão da visita de 1982 foi a guerra das Malvinas, então em pleno desenvolvimento. O papa tinha uma viagem longamente programada para aquela ocasião, ao Reino Unido. Não tendo conseguido postergar esta, foi constrangido a realizar a outra, para não dar a impressão de estar abençoando uma das partes em conflito.

Essa visita é uma coisa totalmente diferente", afirmou Casaroli, fazendo com os braços um gesto largo, indicador do clima

de menor contração que agora predomina.

O cardeal Casaroli evitou fazer uma comparação direta entre a situação política encontrada pelo papa e sua comitiva no Chile, governado por uma ditadura militar, e a Argentina, agora democrática. "O Chile tem problemas", observou ele com brevidade. "É preciso continuar estudando esses problemas."

Sobre a maior facilidade com que o papa faz na Argentina seus costumes improvisos — procedimento que ele sistematicamente evitou em território chileno —, Casaroli constatou: "Lá ele tinha de medir certas palavras".

Consultado sobre a saúde e a disposição de João Paulo II — que está submetido a rigorosa dieta médica para agüentar mais essa maratona de missas, desfiles e discursos —, Casaroli brincou: "Nós temos uma combinação", disse, "ele trabalha e eu me canso".

Segundo o cardeal Casaroli, a Santa Sé estuda a possibilidade de nova peregrinação do papa ao Brasil, talvez no próximo ano. "Por enquanto fizemos o

programa deste ano. O do ano que vem ainda vamos ver", declarou.

Na opinião de Gian Franco Svidercoschi, jornalista que há trinta anos escreve sobre a Cúria romana e foi, por dois anos, diretor do jornal oficial da Santa Sé, "L'Osservatore Romano", não é impossível que um retorno ao Brasil se dê no segundo semestre de 1988. Por volta de maio o papa deve visitar a Bolívia, o Paraguai e o Uruguai (desta vez passou ali apenas dezesseis horas) e, de acordo com Svidercoschi, poderia agir como vai agir agora em relação aos Estados Unidos, país ao qual fará uma nova viagem em setembro, a fim de percorrer as dioceses da costa oeste.

"Depois da viagem ao Paraguai, à Bolívia e ao Uruguai — diz Svidercoschi —, ele terá ido a todos os países da América Latina. É de esperar que reconhece o circuito." O cardeal Agostino Casaroli vê com alegria essa possibilidade: "Eu também estou com saudades", declarou ele a este jornal, em bom português.